

Flavia Maria de Brito Pedrosa Vasconcelos<sup>1</sup> [flavia.vasconcelos@univasf.edu.br](mailto:flavia.vasconcelos@univasf.edu.br)

Quando tinha cerca de oito anos, meu avô paterno me disse: todo ser humano deve ao menos plantar uma árvore, escrever um livro e ter um filho. Com isso, ele me ajudou a plantar um pau-Brasil no centro do jardim de sua casa em Olinda e contou toda a história da “descoberta” desta árvore pelos portugueses e de sua exploração.

Lembro de ter aproveitado aos poucos aquela frondosa sombra e ter sonhado em dezenas de desenhos com linhas expressivas, naquele ambiente tranquilo e acolhedor, ao ouvir o canto dos sabiás e, ao final das tardes, visualizar os tantos beija-flores a voar de rapidez a suspensão na busca do néctar.

Muitos anos depois, estou a viver em Portugal, a finalizar um doutorado e no meio disso, a repensar sobre os meandros da vida e as formas de colonização pelas quais o Brasil atravessou e pelas quais ainda atravessa. Há a colonização que vem do externo e a do interno e há por detrás sempre um fator que é escondido pelo nome do progresso ou desenvolvimento: o econômico, a busca pelo dinheiro.

Em tempos de crise que não abrange apenas uma enorme rachadura no sistema econômico, mas se apresenta como a união de diferentes níveis de rachaduras no social, no cultural e no ecológico, revejo a noção do valor e das necessidades essenciais de sobrevivência e construção da felicidade pelo indivíduo.

Dinheiro não se come, dinheiro não se bebe. Dinheiro não é néctar. Na época das “descobertas”, o pau-Brasil atuou como um valor financeiro em um mercado específico de compra e venda. E hoje, por ter sido tratado dessa forma, é uma espécie que raramente se vê nos locais onde ela existia. Isso também acontece com outras espécies de plantas e animais e o caminho que seguimos está fazendo com que o mesmo ocorra com a água.

Os rios que antes eram de pesca abundante e navegação intensa têm progressivamente seus níveis diminuídos e, em uma lastimável constatação, sofrem com a poluição. As terras, cada vez mais devastadas pela seca, pelas queimadas, envenenadas pelos agrotóxicos e a invasão dos transgênicos, são mais que aparentes vestígios de degradação do ritmo natural de reprodução e diversidade biológica.

Ao desenhar esta árvore com o olho, no contexto desta revista e dos textos que nela estão assinalados, observo o cenário atual, relembrando meu olhar de criança ao plantar aquela árvore, com o olho de quem redescobre o mundo e de quem ainda sonha em vê-lo melhor.

Tenho com isso a esperança de que este desenho aliado às importantes narrativas escritas que o acompanham, que ambos despertem o desejo pelo cuidado, possibilitando não só outros olhares, que se indignem efetivamente com a atual situação e ajam urgentemente pela preservação de nosso futuro.

O pau-Brasil ainda está naquela casa que não pertence mais à minha família. Meu avô, o tempo cuidou dele. Sinto saudade daqueles momentos em que se podia andar nas ruas sem o medo, sem a violência, entre mil brincadeiras e, em que andar de bicicleta era um prazer estético que o calor nem a violência não me tirava. Havia muitas árvores naquela cidade, havia muitas árvores em Juazeiro e Petrolina. Para onde elas foram? Para onde foi o sossego?

A necessidade de espaços mais verdes, de cuidados, persiste. O livro já foi escrito e ainda há outros porvires, assim como o filho que espera por um mundo que ainda haja árvores para plantar, em que se possa construir memórias e sonhos e no qual o néctar da vida não esteja constantemente ameaçado.